

## CULTURA E NATUREZA: MODOS DE VIDA DOS CABOCLOS DO GOIO-EN (SC)\*

*Telmo Marcon\*\**

Este texto é resultante das reflexões que emergiram da pesquisa sobre os modos de vida dos caboclos do Goio-En (SC), que resultou na tese de doutorado apresentada ao Programa de História da PUC-SP. No seu desenvolvimento foram sendo problematizadas várias questões, dentre as quais as relações entre a cultura e a natureza. No presente texto, serão aprofundados esses vínculos a partir de dois pontos: em primeiro lugar, uma crítica à dicotomia entre sujeito e objeto inerente à ciência moderna, com destaque à necessidade de superar a dualidade entre natureza e cultura, e, em segundo, serão analisados alguns elementos que emergiram da pesquisa que ajudam a pensar nos vínculos entre os modos de vida e o espaço. As experiências vivenciadas pelos caboclos na região, especialmente as relações dos seus modos de vida com o espaço, dão condições para repensar os vínculos entre a cultura e a natureza de uma forma dinâmica.

O fato da cultura e da natureza ou dos modos de vida e do espaço serem, muitas vezes, trabalhados dicotomicamente, deve-se, em parte, à divisão entre *sujeito* e *objeto*, que marcou a ciência moderna ou pelo menos a perspectiva de conhecimento que se tornou hegemônica no seu desenvolvimento. Tal perspectiva ancorou-se numa ruptura epistemológica entre a razão e as experiências vivenciadas, concebidas como constitutivas do senso comum e, portanto, opostas à ciência. Esta dicotomia entre sujeito e objeto, segundo Santos, polariza de forma inconciliável a ciência e a subjetividade transformando, “a relação eu/tu em relação sujeito/objeto, uma relação feita de distância,

---

\* A pesquisa foi realizada para a elaboração da tese de Doutorado no Programa de História da PUC-SP com o título: *Memória e cultura: modos de vida dos caboclos do Goio-En (SC)*.

\*\* Doutor em História pela PUC-SP e professor-pesquisador da Universidade de Passo Fundo (RS).

estranhamento mútuo e de subordinação total do sujeito ao objeto...”.<sup>1</sup> Santos propõe a superação dessa dicotomia por meio de um diálogo entre a ciência e o conhecimento comum.<sup>2</sup>

Os paradoxos inerentes à constituição da ciência moderna são originados, segundo Latour, pela dicotomia entre a natureza e a cultura, entre o humano e o não-humano, dificultando uma compreensão dinâmica das relações entre a cultura e a natureza. “Se a natureza não é feita pelos homens nem para eles, então ela continua a ser estrangeira, para sempre longínqua e hostil.”<sup>3</sup> Em decorrência dessa dicotomia, diz Milton Santos, estabelece-se uma ruptura entre o poder científico (representativo das coisas) e o poder político (representativo dos sujeitos).<sup>4</sup> O dualismo entre natureza e sociedade é, segundo Latour, “indispensável aos modernos”.<sup>5</sup>

A dicotomia entre sujeito e objeto, inerente à constituição da ciência moderna e radicalizada pelo positivismo, transformou a natureza numa realidade exterior aos sujeitos, passível de ser manipulada de acordo com os interesses e desejos destes. Essa concepção de natureza passiva, com a qual os sujeitos estabelecem relações de domínio e de exploração, dificilmente pode ser articulada com a cultura. As reflexões desenvolvidas por Flickinger, ao discutir as relações entre a sociedade, a educação e o meio ambiente, dão conta dos limites desse modelo de ciência e de conhecimento, ao mesmo tempo em que propõe pensar uma nova pedagogia, capaz de articular organicamente

---

1 B. de S. Santos. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro. Graal, 1989, p. 34.

2 Para Santos a inexistência de diálogo entre a ciência moderna e o senso comum se deve ao fato de a ciência ter-se constituído *contra* o senso comum. Por isso ele propõe o diálogo como saída: “À luz dessas considerações, forçoso é concluir que caminhamos para uma relação entre a ciência e o senso comum, uma relação em que qualquer um deles é feito do outro e ambos fazem algo novo” (B. Santos, op. cit., p. 40).

3 B. Latour. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1994, p. 36.

4 M. Santos. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo, Hucitec, 1997, p. 81.

5 B. Latour, op. cit., p. 46. Latour aprofunda os equívocos dos modernos e também dos pós-modernos, por não conseguirem propor alternativas à dicotomia entre natureza e cultura. Em relação à tendência pós-moderna, diz que há um reconhecimento de que algo está errado, “mas não sabe fazer nada além de prolongar a crítica sem no entanto acreditar em seus fundamentos...” (Idem, p. 50). Dentro desta mesma linha de reflexão, situa-se outro texto: Bruno Latour; C. Schwartz; F. Charvolin. “Crisis dos meios ambientes: desafios às ciências humanas”. In: H. Reis de Araújo (org.). *Tecnociência e cultura: ensaios sobre o tempo presente*, São Paulo, Estação Liberdade, 1998, pp. 91-125.

sujeito e natureza. Ao questionar o pressuposto de neutralidade inerente à concepção de ciência positivista, Flickinger diz que ela

deixa-nos insatisfeitos por percebermos que o olhar distante não leva em conta uma peculiaridade importante do meio ambiente, a saber, a sua incapacidade de ser tratado como objeto determinado, isto é, disponível ao manejo por parte de um sujeito congnoscente. Muito pelo contrário, o meio ambiente apresenta-se, na verdade, como horizonte insuperável dentro do qual nós mesmos estamos inseridos, sem chance de dele nos libertarmos. Sentimo-nos em meio a um ambiente que nos sustenta e do qual depende nossa própria vida, nosso próprio destino.<sup>6</sup>

A natureza e o espaço não podem ser tomados, portanto, como *dados* estáticos, precisam antes ser pensados como processos em construção. Essa perspectiva permite questionar toda uma tradição de reflexões e pesquisas desenvolvidas por historiadores, geógrafos e antropólogos, entre outros, que desvincularam a cultura da natureza e os sujeitos do espaço. Para repensar positivamente a relação cultura e natureza é necessário romper com a tradição que toma o espaço como um dado *a priori*, independentemente da intervenção dos sujeitos com seus costumes e técnicas e que desconsidera as transformações nele ocorridas,<sup>7</sup> para pensá-lo como construção social.

No desenvolvimento da pesquisa sobre os modos de vida dos caboclos do Goio-En (SC), a contribuição teórica de alguns geógrafos foi importante para trabalhar dinamicamente as relações homem-meio, cultura-natureza, modos de vida-espaço. Eles ajudaram a pensar o espaço como construção histórica em que se dá a intervenção de distintos grupos sociais com seus interesses, práticas e valores. Dessa forma, a pesquisa pôde trabalhar os conflitos pela posse da terra; aprofundar os modos de viver articuladamente às potencialidades e condições existentes na região; analisar as transformações de um espaço que, de calmo e tranqüilo, tornou-se um lugar de conflitos, disputas e tensões. Desse modo, a concepção de região que orientou a pesquisa procurou articular o tempo, o espaço e a ação dos sujeitos com seus valores e modos de viver e produzir. Em outros termos, a região foi concebida como espaço construído social-

---

6 H.-G. Flickinger. "Sociedade, Educação e meio ambiente". In: T. Marcon (org.). *Educação e Universidade, práxis e emancipação: uma homenagem a Elli Benincá*. Passo Fundo, Ediupf, 1998, p. 379.

7 A concepção positivista de espaço é, segundo Silveira, mais ideológica do que científica, "uma vez que o positivismo joga com a pretensa neutralidade do observador diante da natureza..." (R. M. G. Silveira. "Região e história: questão de método". In: M. A. da Silva. *República em migalhas*. São Paulo/Brasília, Marco Zero/MCT/CNPq, 1990, pp. 19-20).

mente, levando-se em conta a sua gênese e as transformações que nela se processaram historicamente, de um modo mais intenso, a partir da década de 1930.

O geógrafo Milton Santos recupera, em suas pesquisas e reflexões, a dimensão da historicidade do espaço quando diz que,

Tempo, espaço e mundo são realidades históricas, que devem ser mutuamente conversíveis, se a nossa preocupação epistemológica é totalizadora. Em qualquer momento, o ponto de partida é a sociedade humana em processo, isto é, realizando-se. Essa realização se dá sobre uma base material: o espaço e seu uso; tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições.<sup>8</sup>

A partir das contribuições de Santos, pode-se pensar no papel das técnicas produzidas e utilizadas pelos sujeitos na transformação do espaço. Através do uso de diferentes técnicas, o espaço é transformado, ganhando novos significados.

As técnicas são datadas e incluem tempo, qualitativamente e quantitativamente. As técnicas são uma medida do tempo: o tempo do processo direto de trabalho, o tempo da circulação, o tempo da divisão territorial do trabalho e o tempo da cooperação.<sup>9</sup>

Ainda, segundo Santos,

é por demais sabido que a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica. As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço. Essa forma de ver a técnica não é, todavia, completamente explorada.<sup>10</sup>

Através do trabalho com fontes orais,<sup>11</sup> foi possível superar a dicotomia entre a subjetividade e a objetividade no conhecimento. Para tanto, procurou-se atentar para os significados do espaço, dos costumes e das tradições para os sujeitos da pesquisa. A descrição pura e simples do espaço, da região e da sua paisagem, pouco ajuda a compreender os significados e as transformações que se processaram na natureza e na cultura, visto que não existe uma separação entre ambas. As madeireiras e as colonizadoras

---

8 M. Santos, op. cit., p. 44.

9 Idem, ibidem, p. 45.

10 Idem, ibidem, p. 25.

11 A pesquisa foi desenvolvida tendo como referência documental básica as fontes orais.

trouxeram consigo valores e costumes que transformaram substancialmente a vida e os costumes dos caboclos. Nas entrevistas procurou-se flagrar alguns destes momentos.<sup>12</sup>

A pesquisa ajudou a pensar nos modos como os caboclos construíram e transformaram o espaço na região e permitiu problematizar as relações entre cultura e espaço, dando condições para superar a dicotomia entre natureza e sociedade e entre espaço e cultura. No tempo que as memórias dos caboclos identificaram como sendo o *tempo dos começos*, eles se apropriaram dos recursos naturais, transformando-os, a partir das necessidades e dentro dos horizontes técnicos existentes. Utilizaram-se das técnicas de lascar madeiras para construir os ranchos. Industrializaram a erva-mate coletada nos ervais existentes na região, aprofundando laços de amizade e de solidariedade expressos no ritual de tomar o chimarrão e fortalecendo as relações entre os vizinhos. Exploraram as quedas d'água, construindo monjolos para triturar a erva-mate e o milho, transformado este em canjica e farinha. Cultivaram a cana-de-açúcar para ser transformada em melado, açúcar, rapadura e cachaça, produtos consumidos na própria região, negociados com os tropeiros, com os moradores dos povoados vizinhos e também enviados à Argentina junto às balsas de madeiras que seguiam o curso do rio Uruguai. Através dos mutirões, enfrentavam as dificuldades para a constituição dos roçados, além de aprofundarem as relações de entre-ajuda com a vizinhança. Construíram espaços públicos, marcadamente com a realização de bailes nos ranchos e com as festas religiosas, especialmente a do Divino.

A construção de seus modos de vida esteve profundamente vinculada ao espaço regional com seus limites e potencialidades. Das matas, colhiam diversos produtos utilizados para a alimentação, além da caça existente em abundância; nas campinas, constituíram pequenos roçados onde cultivavam milho e feijão, componentes básicos da sua dieta alimentar. Nos roçados, utilizavam-se de técnicas e instrumentos adequados às potencialidades do solo, sem o uso de enxadas e arados, conservando a estrutura fundamental do solo e assegurando um certo equilíbrio no meio ambiente. Dessa forma, os caboclos exploravam os potenciais e recursos existentes, dando condições para a reprodução das matas ou dos capoeirões através do rodízio dos roçados.

---

12 A. Portelli. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, vol. 1, nº. 2, dez 1996, pp. 59-72. Portelli traz importantes contribuições no sentido de afirmar positivamente a subjetividade, ou seja, a experiência dos sujeitos, relativizando as pretensões de objetividade da ciência. O texto produzido por uma entrevista é uma referência fundamental como expressão do individual e do social.

O tempo dos começos foi marcado, segundo as memórias dos caboclos, por relações de entre-ajuda e de harmonia entre os vizinhos e de um equilíbrio com a natureza, mesmo que esta lhes fosse bastante hostil, considerando-se as dificuldades para se deslocarem por causa das matas, do isolamento e também dos acidentes geográficos. Ao mesmo tempo em que as abundantes florestas possuíam inúmeros recursos, como a caça e as frutas nativas, facilitando a sobrevivência, impunham inúmeras dificuldades para o deslocamento, fator que aprofundou as relações de solidariedade e de convivência entre as pessoas, e que se manifestou em práticas como a realização dos puxirões, mas também em outros costumes comuns entre os vizinhos, como o de criarem porcos e outros animais domésticos soltos e próximos aos ranchos.

Os costumes e os valores cultivados entre os caboclos encontravam sustentação e legitimidade nas práticas de religiosidade, especialmente através da Bandeira do Divino que passava pelas casas quando da preparação da festa e através da realização dos bailes nos próprios ranchos, muitas vezes, como recompensa pela participação nos mutirões. Estas festas e as demais práticas de religiosidade e de compadrio fortaleciam certas tradições e modos de viver, inspirados nos ensinamentos dos monges.<sup>13</sup> Esses reforçavam determinados valores e práticas, destacando os cuidados e procedimentos para com as pessoas e com a natureza. Os caboclos identificaram-se aos ensinamentos dos monges que tinham como referência uma visão integrada com a natureza. Alguns dos principais símbolos que ainda hoje subsistem dos ensinamentos e das peregrinações dos monges estão vinculados à natureza: as fontes de água e as árvores de cedro.

O tempo da calma, da tranquilidade e de equilíbrio com a natureza parece ter chegado ao fim, segundo as memórias dos caboclos, com a expansão das madeireiras e das colonizadoras a partir dos anos de 1920, atingindo um ponto culminante em 1950, com a chacina de Chapecó<sup>14</sup> e com os seus desdobramentos, especialmente a grilagem

---

13 Os monges eram personagens que davam conselhos, ensinavam chás e faziam curas e pregavam mensagens bíblicas às populações do sertão. Nos três estados do sul do Brasil, existiram vários monges, e três deles se destacaram. No imaginário caboclo, no entanto, existe somente o monge São João Maria, profeta e santo.

14 A chacina de Chapecó ocorreu em outubro de 1950, tendo como causa imediata a queima da igreja. Após o incêndio, quatro pessoas acabaram sendo presas como suspeitas e dois confessaram, sob tortura, que eram responsáveis pelo incêndio. No dia 17 de outubro, cerca de 200 pessoas, armadas com revólveres, foices, machadinhas, facões e paus invadiram a cadeia pública de Chapecó, mataram os presos, arrastando-os para fora da cadeia onde foram queimados (M. Hass. *A chacina de Chapecó: um retrato do mandonismo local*. 3ª ed. Série Interdisciplinar. Chapecó, Unoesc, 1995, p. 13).

de terra dos caboclos na região. Esse tempo, caracterizado pelas memórias como sendo um *tempo de violência*, é expressão das mudanças em curso dos modos de viver e de se relacionar com a natureza, com os vizinhos e com os novos poderes institucionalizados e estabelecidos na cidade de Chapecó. A chacina deu início a um tempo marcado pelo medo e insegurança, por causa da ação dos grileiros e dos jagunços que faziam ameaças aos caboclos, pelos conflitos com a justiça e com os cartórios, pela progressiva desqualificação das crenças e tradições dos caboclos, enfim, pelo incremento de práticas de exclusão.

O tempo da violência é, hoje, a referência fundamental das memórias dos caboclos pois foi um marco nas transformações dos seus costumes. Nesse tempo, emergiram as tensões ligadas aos diferentes significados atribuídos à terra pelos caboclos e pelos grileiros. Progressivamente, os caboclos tiveram que apelar para a assessoria de advogados e tomar consciência dos direitos que tinham, condição para assegurar as suas posses. A partir dessas experiências, foi possível pensar nas tensões entre tradição oral e escrita, na medida em que os caboclos tiveram que se apropriar da escrita para defenderem seus direitos. Estavam em questão distintos valores, visto que a terra, para os caboclos, era a referência fundamental para a sobrevivência, enquanto que para os grileiros ela era mercadoria, passível de compra e venda e fonte de lucro. Enquanto para os caboclos os direitos de posse eram suficientes para permanecer na terra, os grileiros manipulavam documentos escritos, as escrituras. O poder da palavra foi perdendo força e deixando de ser a referência dos compromissos firmados.

A chacina de 1950 representa um momento fundamental de institucionalização de novas relações na região, tendo como centro a cidade de Chapecó, deixando em segundo plano os povoados do Goio-En e do Passo Bormann, que eram as referências básicas dos caboclos. Como parte deste processo, os grupos sociais emergentes, especialmente aqueles vinculados às madeireiras e às colonizadoras, foram transformando a cidade de Chapecó na referência do *progresso* e do *desenvolvimento* do oeste catarinense. Como parte desse processo de institucionalização da cidade, foram se consolidando novos valores, normas e comportamentos, que foram se estendendo ao campo, tendo como ponto culminante a intervenção do Incra, para regulamentar as posses das terras dos caboclos, no início dos anos de 1970. A terra ganhou, então, um estatuto efetivo de mercadoria e de propriedade. Esse processo de institucionalização trouxe em seu bojo valores e normas de certo modo consolidados na cidade.<sup>15</sup>

---

15 No contexto das transformações que se estendem da cidade sobre o campo, pode-se pensar nas contribuições de Williams, na obra *O campo e a cidade*, especialmente o capítulo 17, "O campo em

O discurso do progresso e da modernização que marcou grande parte dos escritos sobre Chapecó fez poucas referências aos caboclos, e, quando o fez, foi de forma preconceituosa e depreciativa. Nesse sentido, as fontes orais utilizadas na presente pesquisa permitiram questionar as memórias oficiais, assentadas em valores e práticas distintas daquelas dos caboclos. As memórias dos entrevistados arrancaram do passado experiências da luta e da resistência para permanecerem na terra onde construíram suas vidas e na qual pretendem continuar vivendo. A resistência para permanecerem na região encontrou motivações nos significados do espaço, na cultura e nos vínculos que as pessoas estabeleceram com o meio onde vivem.

As memórias dos entrevistados identificam uma terceira temporalidade, que se consolida concomitantemente ao *tempo dos começos* e que precede o tempo da chacina que é o *tempo do desmatamento*. Na década de 1920, e de modo mais acentuado nos anos de 1930, as madeiras expandiram-se rapidamente, destruindo praticamente todo o potencial existente na região, num período inferior a três décadas. As memórias reportam-se a este tempo em que as serrarias instalaram-se e abriram novas frentes de trabalho, diretamente vinculadas às madeiras ou, indiretamente, à produção de alimentos para os trabalhadores e para os animais utilizados nas serrarias.

Entre os caboclos existe, hoje, uma consciência dos prejuízos provocados pelo desmatamento, principalmente por causa do esgotamento dos recursos naturais e do agravamento das condições de sobrevivência na região, com o enfraquecimento das terras. As memórias avaliam o desmatamento de forma paradoxal: de um lado, os entrevistados participaram direta e indiretamente do processo, desempenhando diferentes papéis e, de outro, a destruição das matas fez desaparecer a caça e as frutas nativas, o solo enfraqueceu e a própria madeira passou a ser muito valorizada. As memórias parecem encontrar alguns resquícios materiais do tempo precedente ao desmatamento na madeira de algumas casas, fragmentos dos tempos antigos que resistem ao tempo e parecem compensar os prejuízos produzidos.

Em termos gerais, as mudanças que se processaram nos modos de viver dos caboclos produziram neles uma dupla reação: de um lado, hoje, defrontam-se com os novos valores e realidades do mercado, visto que quase tudo é mediado por relações mercantis e, de outro, procuram reconstruir práticas do passado, peculiares a uma *economia moral*.

---

segundo plano”, quando analisa a expansão capitalista no campo a partir da cidade (R. Williams. *O campo e a cidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, pp. 249-68).

As transformações que ocorreram na região, especialmente a partir dos anos de 1930 e de modo mais acentuados nas décadas de 1950 e de 1960, colocaram em confronto estas duas economias: a de mercado e a tradicional economia moral no sentido pensado por Thompson.<sup>16</sup> Mesmo que a economia de mercado tenha conquistado uma posição hegemônica, a *economia moral* ainda continua sendo praticada através da troca de produtos e da entre-ajuda, mesmo que com novas formas e significados. Hoje, as experiências coletivas são pensadas, entre esses caboclos, como possibilidade de produzirem excedentes para suprir as novas necessidades, entre as quais o vestuário, calçado, equipamentos de trabalho, saúde, energia elétrica, transporte, lazer, ensino, etc. São valores e necessidades emergentes.

Mesmo enfrentando a competição de uma economia de mercado, os caboclos estão hoje reconstruindo, inspirados no passado, experiências de trabalho em mutirões e práticas de religiosidade com destaque à festa do Divino. Estas experiências procuram responder aos desafios presentes, mas encontram inspiração em tradições do passado. O trabalho coletivo na atualidade é inspirado nas práticas dos puxirões, mas com algumas mudanças. No passado, os roçados eram de iniciativa de alguma família que convidava os vizinhos para tomarem parte das atividades e dos divertimentos decorrentes, no caso, os bailes. O trabalho era socializado, mas o mesmo não ocorria com os produtos dos roçados. As experiências atuais, no entanto, são pensadas como socialização de todo o processo.

As tecnologias introduzidas pelos madeireiros, na região da pesquisa, alteraram substancialmente o ritmo das derrubadas e da destruição das matas.<sup>17</sup> As máquinas usadas para a serragem e as técnicas de ordenamento da madeira nas balsas, transportadas pelo rio Uruguai a partir dos anos de 1920, apressaram as transformações do espaço e também a paisagem da região. Assim, as novas técnicas alteraram a estrutura e os significados do espaço e, conseqüentemente, os modos de viver dos caboclos e da região no seu sentido mais amplo. A natureza foi pensada pelos madeireiros como objeto de exploração. Na medida em que ocorreu o desmatamento, os madeireiros buscaram novas frentes de trabalho no oeste paranaense. Os caboclos que resistiram na

---

16 E. P. Thompson. *Costumbres en comun*. Barcelona, Grijaldo, 1995, p. 25.

17 Em parte este processo foi facilitado pela abertura de novos mercados para as madeiras, especialmente a Argentina, e pelo surgimento de novas tecnologias para as derrubadas, a serragem e o transporte.

região foram sendo empurrados para as “ribanceiras”, como eles dizem, às margens do rio Uruguai, nas terras mais acidentadas.

O cotidiano caboclo estava estruturado tendo como referência as relações imediatas com a natureza, com os vizinhos e com os próprios animais. Progressivamente, ocorreu uma separação, pois os animais tiveram que ficar presos em cercas, as relações com a natureza sofreram mudanças substanciais e as relações entre os vizinhos também.

Considerando que, no desenvolvimento da pesquisa, procurou-se apreender os modos de viver dos caboclos, as suas tradições e as transformações que aí se processaram, foram fundamentais as contribuições de Raymond Williams, especialmente quando pensa na cultura como modos de viver dos grupos sociais, numa tríplice dimensão: o dominante, o residual e o emergente. Este eixo perpassa o processo de investigação e de interpretação das fontes orais e da historiografia. A percepção destes momentos, que se cruzam temporalmente, tornou-se possível pela análise da linguagem dos caboclos, que permitiu chegar até as relações sociais. As memórias deram condições para voltar no tempo e aprofundar alguns costumes caboclos, as transformações que se processaram, as relações que eles estabeleceram com outros grupos sociais e a reconstrução de algumas práticas, na atualidade, com base nas experiências passadas.

A memória, trabalhando com uma lógica temporal distinta da cronológica ou cíclica, toma como referência situações fundamentais a partir das quais reconstrói o passado. Em outros termos, trabalha o passado a partir de um tempo marcado pela *violência* que já vinha de antes, mas que se explicitou e ganhou consistência em 1950, com a chacina de Chapecó. Este acontecimento rompeu, segundo os caboclos, com o tempo bom, o tempo dos começos.

Foi possível, assim, pensar o caboclo a partir das reconstruções que as memórias fazem sobre o passado, aprofundando alguns elementos que são específicos e que permitem pensar numa identificação a partir dos modos de vida e de luta. Considerando o desafio inicial de pensar o caboclo a partir da cultura e não da etnia, pôde-se apreender nas experiências vivenciadas por estes sujeitos alguns costumes, valores e modos de viver, construídos e transformados no tempo.

As transformações que se processaram na região, de modo acentuado entre os anos de 1930 e 1960, provocaram mudanças substanciais nas relações sociais e também em relação ao uso da terra. A expansão da colonização e das madeireiras provocou muitos conflitos fundiários na região e criou novos valores em relação à terra, valorizada em

termos de mercadoria, desagregando os modos de vida tradicionais dos caboclos, dando origem a outras formas de produção e também de trato com o meio ambiente. O desmatamento, aliado à perspectiva de uma agricultura de mercado, produziu transformações substanciais no meio ambiente e no trato da terra. São transformações que se mesclam com resistências e que dão origem a novas práticas as quais incorporam elementos do passado e das realidades presentes.